

Contribuições da Abordagem Ecológica no Entendimento da Relação Ser Humano/Ambiente: Os Problemas de uma Abordagem Racionalista do Conhecimento

Amanda Veloso GARCIA¹

Resumo

O racionalismo moderno é uma corrente filosófica que tem como objetivo afastar o ser humano de enganos amparando todos os seus conhecimentos exclusivamente na razão. Através do racionalismo surgiram correntes como o mecanicismo, que entende o funcionamento da natureza através de procedimentos mecânicos. O cenário instaurado pelo racionalismo e o mecanicismo coloca o ser humano como um ser acima de outras espécies, de modo que ele é capaz de dominar a natureza com o uso da razão e o advento da Ciência e da tecnologia. Tal visão antropocêntrica desembocou numa série de problemas como a devastação ambiental, uma vez que o ser humano vê a natureza de uma forma instrumental para seu uso próprio. A partir desse cenário, neste artigo, pretendemos pensar as consequências de uma educação técnico-cientificista. Discutiremos as contribuições que uma abordagem ecológica pode ter na situação atual de devastação ambiental que enfrentamos, contrastando o ensino moderno tradicional e sua natureza racionalista com o ensino tradicional indígena, cujo objetivo é a integração ser humano/natureza.

Palavras-Chave: Filosofia Ecológica, Racionalismo, Educação, Natureza.

Contributions of Ecological Approach in the Understanding of the Relationship Human/Environment: The problems of a Rationalist Approach of Knowledge

Abstract

Modern rationalism is a philosophical current that aims to ward off human mistakes bolstering all their knowledge exclusively on reason. Through of the rationalism emerged the current of the mechanism, that understands the workings of nature through mechanical procedures. The scenario established by rationalism and mechanism puts the human being as a being above other species, so that he is able to dominate nature with the use of reason and the advent of science and technology. This anthropocentric view culminated in a series of problems such as environmental devastation, since the human being sees the nature of an instrumental form for their own use. From this scenario, in this article, we intend to think the consequences of a technical-scientific education. We will discuss the contributions that an ecological approach may have in the current situation of environmental devastation we face, contrasting the traditional modern education and its rationalistic nature with the traditional indigenous education, whose aim is to integrate human/nature.

Key-words: Ecological philosophy, Rationalism, Education, Nature.

¹ Graduada em Filosofia pela UNESP. Mestranda em Filosofia pela UNESP. Professora da Rede Estadual Paulista. E-mail: amanda.hipotenusa@gmail.com

Introdução

Na história do pensamento Ocidental, “racionalismo” é um conceito que se refere a algumas escolas filosóficas. Entre os principais tipos há o *racionalismo metafísico*, que entende que a realidade é em essência racional de modo que estaria ordenada logicamente; o *racionalismo psicológico*, vertente que hierarquiza as faculdades mentais considerando a emoção ou os sentidos como inferiores à razão; e o *racionalismo epistemológico*, que tem como premissa a ideia de que todo conhecimento advém do uso da razão, não sendo dependente da experiência.

Descartes foi um importante pensador especialmente da terceira corrente, o *racionalismo epistemológico*, pois defendia a razão como fonte segura na obtenção do conhecimento. O racionalismo cartesiano ofereceu as bases para o pensamento moderno que se alicerçou profundamente na razão abrindo espaço para o desenvolvimento da Ciência. Desse modo, as ideias de Descartes são entendidas como fundantes do racionalismo moderno, cujo contexto gerou algumas mudanças: “O universo mudo e vazio de divindade passa a ser explicado e entendido pela consciência humana, pela racionalização do universo, tendo o homem como fundamento de todo conhecimento” (RIBEIRO, 2006, p. 26). Nesse sentido, o sujeito “não busca a verdade num além, em algo transcendente; a verdade agora significa adquirir uma representação correta do mundo. Essa representação é interna, ou seja, a verdade reside no homem” (FIGUEIREDO, 2003, p. 30).

Entendendo a razão como uma faculdade superior da natureza psíquica, implica em compreender o ser humano, visto como único “animal racional”, num patamar acima das outras espécies como o ser superior da natureza. Desse modo, o racionalismo carrega consigo uma visão antropocêntrica e que tem por base a dominação da natureza, entendida, numa abordagem mecanicista², como uma máquina a ser explicada por procedimentos mecânicos.

² O termo “mecanicismo”, bem como “racionalismo”, diz respeito a uma corrente abrangente que engloba diferentes tipos de abordagens em Ciências e Filosofia. No contexto de nosso artigo, o mecanismo é compreendido enviesado na teoria de Descartes como uma forma de compreender o mundo explicado por meio de leis mecânicas e matemáticas.

O estabelecimento de uma supremacia da razão resultou na busca por métodos que permitissem a aplicação do racionalismo, entre os quais a matemática, por seu caráter abstrato, ganhou destaque. O racionalismo mecanicista de Descartes prioriza o uso da abstração em detrimento da experiência subjetiva cotidiana.

Devido ao distanciamento e à busca pela dominação da natureza, o cenário instaurado pelo viés racionalista moderno gerou uma série de problemas ambientais. Nesse trabalho, procuramos investigar as contribuições que uma abordagem não racionalista mecanicista, no caso a abordagem ecológica, tem a oferecer para o entendimento dos saberes e, conseqüentemente, o estabelecimento de uma relação diferente com a natureza, de modo a tentar dar fim aos problemas gerados pelo mecanicismo.

Inicialmente, apresentaremos a abordagem racionalista mecanicista da natureza e do conhecimento para, em seguida, contrastá-la com a abordagem ecológica, apontando os problemas da primeira e as contribuições da segunda para uma compreensão colaborativa do ser humano com a natureza. Em nosso trabalho, destacaremos o uso da Ayahuasca, bebida utilizada a cerca de 4.000 anos pelos povos da Amazônia, como fonte de conhecimento intrinsecamente relacionado à natureza e de compreensão sistêmica e não instrumental da mesma. Pretendemos com isso contrastar o ensino moderno tradicional e sua natureza racionalista com o ensino tradicional indígena, cujo objetivo é a integração ser humano/natureza.

O racionalismo moderno e a abordagem mecanicista da natureza e do conhecimento

Em geral, o mecanicismo é uma abordagem de mundo que entende o funcionamento da natureza através de procedimentos mecânicos, ou seja, a natureza é vista como uma gigantesca máquina. O mecanicismo se tornou possível devido ao terreno fértil instaurado pelo racionalismo moderno, doutrina filosófica que tem como cerne a supervalorização da razão, e, desse modo, busca causas exclusivamente racionais para a explicação dos fenômenos da natureza. Nesse contexto, há uma predileção da razão em detrimento da experiência que nem sempre é vista como uma fonte segura de conhecimento. A supervalorização da razão leva à busca de procedimentos abstratos para a

compreensão da natureza, uma vez que operações abstratas são, numa perspectiva racionalista, infalíveis.

Descartes construiu os alicerces para a estruturação da Ciência na modernidade e a supervalorização da razão, que pode ser considerada uma das características de tal época. Para o autor, a razão deveria ser desenvolvida para evitar enganos e dogmatismo e ajudar na descoberta de verdades indubitáveis sobre o mundo. As ideias cartesianas, e o contexto que emergiu a partir delas, foram as bases para o pensamento moderno e para o papel que a Ciência obteve na modernidade. A sociedade atual é, em grande medida, regida pelo pensamento científico.

Na conjuntura do racionalismo moderno de Descartes, a matemática passa a ser entendida como uma das principais ferramentas de conhecimento devido ao seu caráter preciso e sistemático. A ideia de que a natureza pode ser entendida através da matemática ganhou força através de Galileu Galilei (1564 – 1642) que defendia o uso da linguagem matemática para entender o funcionamento da natureza. E, assim, “[...] A compreensão dessa linguagem (linguagem matemática) dispensa a experiência subjetiva cotidiana que é, então substituída pela capacidade abstrativa, própria da razão humana” (GONZALEZ & MORONI, 2011, p. 25, parênteses nosso).

No âmbito filosófico, Descartes pode ser considerado o fundador do método abstrato matemático. Para os racionalistas, os sentidos não são fonte segura de conhecimento porque há diversos casos em que eles se mostram enganosos, como por exemplo, na ocorrência de ilusões. Diante das dificuldades encontradas pela falibilidade dos sentidos, o autor tinha como metodologia para a obtenção de ideias claras e distintas a introspecção:

Assim, na Filosofia, Descartes enfatiza a estratégia da *introspecção* para o estudo da natureza e da própria estrutura lógica do pensamento humano: é através do “olho interno” da mente que o sujeito cognitivo pode acessar as ideias supostamente ‘claras e distintas’, que Deus imprimiu em seu ser quando lhe deu uma alma, sem necessariamente recorrer ao seu corpo ou ao mundo físico em geral. (GONZALEZ & MORONI, 2011, p. 27)

E outras palavras, na perspectiva racionalista, a introspecção permite um grau de certeza que não pode ser encontrado no mundo imperfeito e em constante mudança. O método cartesiano busca solucionar as dificuldades encontradas pelos sentidos, pois podem ser enganosos ou insuficientes para a obtenção de conhecimento. As verdades da matemática, por serem consequência exclusivamente do raciocínio lógico, não são passíveis, segundo os racionalistas, de serem fruto de engano dos sentidos.

A abordagem mecanicista com seu desenvolvimento permitiu, de certo modo, que o ser humano “controlasse” a natureza podendo através da compreensão do funcionamento dela prever catástrofes. O viés racionalista mecanicista têm como pressuposto que o ser humano é um ser superior e, portanto, controlador da natureza. Assim, a perspectiva racionalista carrega consigo o antropocentrismo, uma vez que o ser humano é comumente visto como o único animal dotado de uma razão superior.

O paradigma mecanicista gerou diversos problemas, como por exemplo, os problemas ambientais e o tecnicismo exacerbado que decorrem da ideia de dominação e controle da natureza. Sobre os problemas do mecanicismo racionalista é interessante o caso trazido por Afonso (2009, p. 61-62):

O fato de Galileu não considerar a Lua como principal razão das marés, apesar de todas as evidências observacionais, foi seu maior erro. Naquela época, qualquer pescador sabia que o período e altura da maré dependem da fase da Lua. Para concluir que o astro tem relação com o fenômeno, há um passo a seguir, dado por diversos observadores.

No século 7, Beda, o Venerável (674-735), atribuiu as marés à ação da Lua e forneceu métodos para prevê-las em um porto, 900 anos antes de Galileu apresentar sua teoria.

No livro *História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*, publicado em Paris, em 1614, 18 anos antes da publicação do *Diálogo*, o monge francês Claude d’Abbeville relatou: “Os tupinambá atribuem à Lua o fluxo e o refluxo do mar e distinguem muito bem as duas marés cheias que se verificam na lua cheia e na lua nova ou poucos dias depois”. Isso mostra que, muito antes de Galileu apresentar sua teoria, os indígenas que habitavam o Brasil já sabiam que a Lua é a principal razão das marés.

A teoria sobre as marés elaborada por Galileu, que tinha como causa das marés os movimentos de rotação e translação da Terra, desconsiderou as observações da natureza bem como o conhecimento comum, uma vez que pescadores já atribuíam o movimento das marés à Lua.

Numa abordagem mecanicista do conhecimento não é valorizada a experiência subjetiva cotidiana. Os tupinambá parecem ter um contato maior com a natureza por viverem em ambientais mais naturais do que as cidades, e essa experiência foi importante para a conclusão que os tupinambá chegaram acerca das marés; bem como os pescadores que têm um contato maior com o mar. Desse modo, é preciso considerar que existem casos em que a experiência cotidiana é valiosa para o conhecimento.

Abordagem ecológica da natureza

James Gibson (1966, 1979) elaborou uma proposta diferente da mecanicista racionalista para compreender a natureza: a Psicologia Ecológica, também chamada de Teoria da Percepção Direta. A Psicologia Ecológica é uma abordagem sistêmica da natureza e busca entender os seres vivos dentro de seu nicho situando o conhecimento justamente na relação mútua que há entre organismo e ambiente.

A teoria de Gibson é baseada no *Princípio de Mutualidade*, que corresponde à ação recíproca que se desenvolve entre organismo e ambiente. Como ressalta Gibson (1986, p. 8, tradução nossa):

animal e ambiente formam um par inseparável. Cada um implica o outro. Nenhum animal poderia existir sem um ambiente que o rodeia. Do mesmo modo, embora não seja tão óbvio, um ambiente implica um animal (ou, pelo menos, um organismo) a ser circundante.³

A partir da perspectiva ecológica, considera-se que organismo e ambiente formam um sistema integrado. A relação mútua de complementariedade entre organismo e ambiente gera o que Gibson (1986, p. 127, tradução e parênteses nossos) denomina *affordance*: “o que ele (o ambiente) oferece ao animal, o que provê ou fornece, seja

³ No original: “*animal and environment* make an inseparable pair. Each term implies the other. No animal could exist without an environment surrounding it. Equally, although not so obvious, an environment implies an animal (or at least an organism) to be surrounding.”

benéfico ou prejudicial”⁴. As *affordances* são resultado da recíproca evolução do sistema organismo-ambiente de modo que dependem da estrutura de ambos. Por exemplo, enquanto para o humano uma pequena folha no chão de sua sala é dificilmente percebida e se percebida indica a necessidade de limpar o chão, para uma formiga esta folha representa uma importante fonte de alimento ou, dependendo do tamanho, até mesmo um obstáculo. Diante disso, vemos que as duas espécies têm *affordances* distintas, o que mostra que embora haja as mesmas propriedades físicas neste ambiente, as propriedades significativas são diferentes. A diferença se deve à estrutura corporal das duas espécies e sua história coevolutiva de autoajuste com o ambiente que disponibiliza determinadas informações significativas ao seu nicho. *Affordances* não são fixas ou estáticas, mas se constroem continuamente no acoplamento organismos-ambiente e, tanto um quanto o outro, podem se alterar.

Cada organismo tem seu *nicho* próprio. Gibson (1986, p. 129) entende que “nicho não é exatamente o mesmo que o *habitat* da espécie; um nicho se refere mais para *como* do que para *onde* um animal vive. Eu sugiro que um nicho é um conjunto de *affordances*”⁵. Um nicho consiste numa junção do habitat de um organismo com seu mundo próprio, que se constitui de suas experiências, necessidades, estrutura corporal, entre outros elementos que estabelecem as *affordances* próprias de um organismo.

As *affordances* são possíveis devido à disponibilidade de informação significativa no ambiente, chamada por Gibson de *invariantes* (1986, p. 73-75). As invariantes se constituem de propriedades do ambiente que mantém um certo grau de permanência que permite a um organismo identificá-las dentro de um sistema como um padrão, de modo que as invariantes fornecem informação sobre algo. As invariantes se constituíram a partir de processos coevolutivos de longa duração e, sendo assim, são inerentemente significativas e, por serem percepções do tipo imediatas, não precisam ser interpretadas, exceto quando se está fora de seu nicho. As invariantes podem ser de dois tipos: estruturais, aquelas que são invariantes devido as suas características físico-químicas; ou

⁴ No original: “The *affordances* of the environment are what it *offers* the animal, what it provides or furnishes, either for good or ill.”

⁵ No original: “This is not quite the same as the *habitat* of the species; a niche refers more to *how* an animal than to *where* it lives. I suggest that a niche is a set of *affordance*”.

transformacionais, aquelas que são invariantes devido a seus padrões de movimento, são invariantes na mudança.

Os padrões invariantes no ambiente disponibilizam (*affords*) informação significativa e fornecem possibilidades de ação. A informação significativa para um determinado organismo depende de suas possibilidades de percepção e dos processos de autoajuste deste com o ambiente (coevolução). Um objeto pode gerar uma *affordance* para um organismo e não para outro que tem uma estrutura corporal diferente que não o permite perceber o objeto sob aquele viés. As *affordances* não se reduzem nem ao mundo físico nem ao organismo, pois decorrem da relação entre ambos, consistem em informação específica para um organismo com um sistema perceptivo específico para a detecção desta.

Numa abordagem ecológica, o foco não está no que o sujeito possui para conhecer, mas sim no que o mundo oferece para o sujeito conhecer, pois todos os elementos que constituem o sistema em que o organismo está inserido moldariam sua percepção. A ação no mundo geraria disposições e é esta experiência que permitiria detectar o significado e o conhecimento. Nesse viés, não seria preciso interpretar o mundo, os seres fazem parte dele de maneira que o significado seria compartilhado surgindo de processos coevolutivos de longa duração. E, assim, o conhecimento perceptual evoluiria juntamente com o ambiente. Para Gibson (1979, p. 258, tradução nossa), “conhecer é uma extensão do perceber”⁶.

A principal diferença entre a visão racionalista mecanicista e a visão sistêmica da natureza é que esta última não é antropocêntrica e valoriza os elos do ser humano com as demais espécies, tais quais as *affordances*, de modo que não estabelece hierarquias entre os seres da natureza. A abordagem ecológica e sistêmica permitiria repensar a soberania da razão sobre a natureza ressitando o ser humano em seu nicho natural: “recomenda que o ser humano busque os padrões biológicos e históricos que o ligam aos outros organismos, situando-se numa rede compartilhada por inúmeras formas significativas de existência”. (GONZALEZ & MORONI, 2011, p. 35). Uma abordagem não

⁶ No original: “Knowing is an *extension* of perceiving.”

antropocêntrica, como a ecológica, gera contribuições para a compreensão dos problemas ambientais nos recolocando “na posição de seres do mundo da vida e não apenas de seres no mundo da razão” (GONZALEZ & MORONI, 2011, p. 36) e superiores às outras espécies e à natureza.

A educação indígena como forma de integração ser humano e natureza: um estudo de caso sobre o uso da *Ayahuasca*

Como ressalta Taddei (2000, p. 17), os debates educacionais no mundo ocidental tem o “racionalismo técnico-cientificista” como a “primeira posição, com mais tempo de vida e certamente com maior representatividade no que se refere à forma como a educação está estruturada”. O paradigma racionalista gerou um parâmetro de formação para a sociedade ocidental, o qual carrega em seu bojo um pensamento dicotômico entre razão/emoção e teoria/prática. Uma educação que tem como ideal a racionalidade separa o pensar e o fazer, supervalorizando o primeiro como a fonte real do conhecimento.

Uma educação voltada majoritariamente para o desenvolvimento da razão, traz em seu bojo valores voltados para a acumulação de conhecimentos e, uma vez que na sociedade contemporânea a Ciência apresenta modos eficazes de compreender o mundo, se utiliza de métodos mais eficientes possíveis. Nesse modelo, o professor “é em essência um executor de rotinas técnicas pré-estabelecidas, racionalmente projetadas, para a realização de determinado objetivo”, no caso, o objetivo é a transferência do conhecimento de forma eficaz e otimizada, seguindo o que a Ciência aponta como melhor forma de ensinar (TADDEI, 2000, p. 23).

Freire (1981, p. 65-87) denominou esse modelo de “educação bancária”, pois traz como pressuposta a ideia de que o professor, enquanto detentor do conhecimento, precisa transmiti-lo – depositá-lo – ao aluno, que não o detém e não se encontra em condições de chegar a este por si só, necessitando daquilo que oferece o professor. Desse modo, a relação estabelecida é assimétrica, colocando o professor numa situação de superioridade, justificando, por exemplo, a função deste em atribuir notas avaliando o conhecimento do outro. A consequência mais notável dessa educação contemporânea é a

dificuldade de se estabelecer elos fortes com o que é “aprendido”, o que gera o ato de decorar os conteúdos. Tal projeto de educação:

abriga uma concepção de racionalismo que curiosamente exclui os objetivos fundamentais da educação do seu escrutínio. Os objetivos e finalidades da educação são "dados", variáveis pré-estabelecidas. O racionalismo aplica-se aos meios, refere-se à eficiência e eficácia, de modo a que se obtenha determinado resultado. (TADDEI, 200, p. 24)

Uma educação que tenha como principal objetivo o desenvolvimento da racionalidade através do acúmulo de conhecimentos distancia o sujeito do mundo da experiência e da natureza, que passa a ser vista como um objeto do conhecimento. Em contrapartida, as comunidades indígenas fornecem a seus membros um tipo de ensino que promove a integração entre o ser humano e o ambiente, e não a separação e dissociação tal como ocorre num ensino em que a razão é supervalorizada.

A maior parte das sociedades indígenas utiliza como metodologia para a transmissão dos saberes duas formas: via oral através do cotidiano, nos rituais e nos mitos; e através da experiência. Como explica Silva (2014, p. 660), “Existe uma predominância de não separar o momento de ensino do momento da prática. A preocupação é com a execução da atividade. As crianças participam da atividade e aprendem”. Por exemplo, para aprender a produzir e cultivar o alimento as crianças e jovens acompanham os mais velhos ajudando nessas tarefas, um “aprendizado que ocorre na prática” (INGOLD, 2001):

O movimento da foice assim como o de capinar são repetitivos e realizados por horas a fio. Todavia, compreendendo o aprendizado desses movimentos naquilo que Ingold (2001) chamou de “aprender como compreensão na prática”, podemos concluir que, muito longe dessa repetição, que representa a noção de um gesto simples e apenas reprodutivo, tais movimentos dão a justa ideia da incorporação de um saber. Aos meninos situados no contexto do trabalho na roça, envolvidos em tarefas de capinar e bater foice, os adultos mostram o que fazer e em que prestar atenção. Eles observam, sentem os movimentos dos adultos ou das crianças mais experientes e procuram, através do gesto realizado repetidas vezes, aperfeiçoar seu próprio movimento. [...] A mesma atenção, desenvolvida pela criança ao observar o movimento do adulto, agora é empregada para entrar em consonância com seu próprio movimento, fazendo ajustes rítmicos da percepção e da ação. Os olhares perscrutam constantemente o terreno em que trabalham, identificando e mapeando uma porção do espaço em que desenvolvem a atividade.

O olhar e o corpo aprimoram-se à medida que o mato vai sendo cortado. A variação do terreno, a presença de arbustos, ou a antecipação dela, a presença de pedras ou mesmo a distância de segurança, medida em relação ao companheiro com quem bate a foice, dão mostras de um aprendizado que, num gesto aparentemente repetitivo, os meninos vão adquirindo prontamente, modificando-se e se adaptando por meio de seus movimentos às condições do entorno. Nesse sentido, cada golpe torna-se diferente do anterior, a força empregada, a inclinação da foice e do corpo, a firmeza com que segura o cabo da ferramenta, assim como o resultado orientam as decisões de como será o gesto seguinte. (SILVA, 2014, p. 666)

Desse modo, a educação indígena não adota práticas educacionais que visem anular o corpo, diferentemente do que ocorre no modelo educação técnico-racionalista cujas práticas disciplinam o corpo para permanecer sentado, imóvel o máximo possível de maneira silenciosa, desenvolvendo apenas o pensar, o decorar, o raciocínio, entre outros. A educação indígena adota práticas de incorporação do conhecimento, a ponto de que a autonomia da crianças indígena é valorizada, de maneira que “A forma de interação entre crianças e adultos, durante a realização dessas práticas, é marcada pela autonomia e pelo interesse por parte das primeiras, e pela tolerância e valorização de suas *performances* e produtos por parte dos adultos” (SILVA, 2014, p. 660).

Para compreender uma forma possível como esse ensino integrador entre mente, corpo e natureza ocorre, discutiremos o exemplo do uso da *Ayahuasca*. O uso da *Ayahuasca* é encontrado em toda a Amazônia (Venezuela, Bolívia, Equador, Peru, Colômbia e Brasil) e tem sido feito por povos indígenas há pelo menos 4.000 anos. A palavra *Ayahuasca* significa “cipó dos espíritos” (nome quíchua de origem inca): *aya* significa “espírito, morto ou ancestral” e *huasca* significa “cipó”. Seu significado se deve ao fato de que a *Ayahuasca* consiste numa bebida feita através da fervura em água – por isso, a denominação comum de “chá” – por muitas horas de pedaços de um cipó chamado jagube juntamente com folhas de chacrona ou rainha.

A ingestão da *Ayahuasca* ocorre em rituais, os quais se ligam a diferentes tradições religiosas. A combinação da ingestão da *Ayahuasca* e da participação em uma cerimônia promove a ocorrência de imagens mentais espontâneas – as folhas de chacrona

têm efeito alucinógeno – que são consideradas como um processo de percepção que conecta na consciência diferentes entidades (corpo físico, pensamentos, sentimentos, cultura, emoções, mente, alma, espaço espiritual, etc.) (MERCANTE, 2006, p. 80).

As experiências vivenciadas durante os rituais de *Ayahuasca*, como ressalta Shanon (2003, p. 109):

[...] geralmente se associam a *insights* pessoais, ideações intelectivas, reações afetivas e experiências espirituais e místicas profundas. Também se observam alterações dos parâmetros básicos da experiência — identidade pessoal, conexão com o mundo exterior, temporalidade e os sentimentos de significação e de noese.

Shanon realizou um extenso trabalho sobre as visualizações ocorridas com a ingestão da *Ayahuasca* utilizando como dados os registros de suas próprias experiências, registros da literatura antropológica (todas as sessões de *ayahuasca* narradas por Polari — um dos líderes da Igreja do Santo Daime — em sua obra autobiográfica *O livro das mirações* (1984); as pinturas do xamã e artista peruano Pablo Amaringo apresentadas em Luna & Amaringo (1993); e também relatos diretos dos primeiros viajantes e estudiosos) e entrevistas realizadas com diversos tipos de usuários (afiliados a algumas religiões, usuários independentes, indígenas, estrangeiros, entre outros).

A partir desses dados coletados, Shanon (2002; 2003) concluiu que elementos relacionados à natureza são os mais frequentes nas visualizações, inclusive nas visões de indivíduos cuja experiência pessoal e cultural é urbana e não têm ligação direta com a Amazônia⁷. Plantas, animais e paisagens são encontrados nos relatos da maior parte dos sujeitos utilizados como referência para o estudo de Shanon. A floresta e a natureza da vida animal parecem ter muita importância nas visões da *Ayahuasca*. Além disso, alguns elementos de destaque são objetos preciosos, seres divinos e elementos relacionados à arquitetura — geralmente ligados a civilizações antigas como o Egito e as civilizações pré-colombianas.

⁷ Albuquerque (2011) realizou entrevistas com usuários europeus que nunca haviam tido contato com a Amazônia e cujas experiências com a *Ayahuasca* revelavam os mesmos elementos relacionados à floresta, despertando o interesse deles por conhecer o Brasil.

Outro fator interessante de observar é que embora apareçam alguns aspectos relacionados à biografia individual dos usuários, não é o que ocorre na maior parte das experiências. Elementos pessoais e autobiográficos costumam ser mais comuns nos relatos de iniciantes, tanto indígenas quanto não indígenas. Conforme ocorre a ampliação da experiência com a *Ayahuasca*, conteúdos autobiográficos se tornam ainda mais raros (SHANON, 2003, p. 136).

A predominância de elementos da natureza e, especialmente, ligados à floresta, gera uma alteração comportamental nos usuários da bebida. O espaço ritual da *Ayahuasca* promove o despertar de alguns saberes. Entre os saberes elencados por Albuquerque (2011, p. 158), estudiosa do *Santo Daime*⁸, destaca-se a ideia da “floresta como projeto de vida”:

Uma evidência imediata disto é a centralidade da bebida para a sobrevivência da religião e, portanto, a conseqüente necessidade da matéria prima (a folha e o cipó) para o seu preparo. Isto implica, necessariamente, a preocupação com o plantio das espécies e o cuidado com a floresta amazônica, seu *habitat* natural. Além dessa perspectiva, a floresta representa um dos locais de culto e de circulação de saberes, bem como o espaço onde Sebastião Mota sonhava reunir um povo, de acordo com um projeto de vida comunitária e ecológica [...]

A floresta possui, também, outros significados: dela provém a origem do culto e seus traços culturais mais significativos, tendo sido o palco da experiência iniciática de Raimundo Irineu Serra. Como espaço sagrado, destaca-se o fato de que foi a Rainha da Floresta (Nossa Senhora da Conceição) quem lhe revelou as possibilidades curativas do chá delegando-lhe a missão de curador e líder espiritual [...]. Há, nesse sentido, uma ecologia entre natureza, terra, divindade.

A ecologia entre natureza, terra e divindade propagada através da ingestão da *Ayahuasca* pode colaborar na redução da degradação ambiental bem como na superação dos abismos estabelecidos pelo paradigma moderno, configurado na clássica distinção entre sujeito/objeto e natureza/cultura. A *Ayahuasca* promove processos perceptivos que conectam o ser humano e a natureza.

⁸ Santo Daime é uma das vertentes religiosas mais propagadas ligadas ao uso da *Ayahuasca*.

Além de uma relação mais íntima com a floresta, Albuquerque (2011, p. 163-164) destaca diversos outros saberes ligados à ingestão da *Ayahuasca* como, por exemplo, o desenvolvimento de saberes existenciais. A inteligência existencial diz respeito à capacidade do ser humano “envolver-se em assuntos transcendentais; interesses em questões cósmicas; o sentido da vida ou da morte; o sofrimento; o destino do planeta; o amor por todos os seres, entre outras características” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 164), saberes esses desvalorizados pelos parâmetros da modernidade, mas de suma importância para uma relação de respeito entre os seres e com o meio ambiente.

Considerações Finais

Situar o ser humano no centro da natureza e como um ser privilegiado na construção e obtenção do conhecimento, algo próprio da abordagem racionalista mecanicista, colabora para processos de devastação ambiental, uma vez que o ser humano, nesse contexto, se veria como o dominador da natureza. A partir da constatação dos problemas do mecanicismo, procuramos nesse trabalho, mostrar a contribuição que uma abordagem não antropocêntrica, como a perspectiva ecológica, tem a oferecer para o entendimento da natureza e dos saberes.

Numa abordagem ecológica, o conhecimento não é visto como desconectado da experiência estando situado justamente na coevolução organismo-ambiente. Desse modo, haveria uma relação intrínseca entre o conhecimento e seu contexto que foi ignorada pelos racionalistas.

Analisamos o uso da *Ayahuasca* como uma forma de propagação de saberes ecológicos e que promovem uma conexão com a natureza. Os relatos dos usuários da bebida estão permeados por um discurso de amor, caridade e harmonia entre os seres e a floresta. Os saberes, nos rituais de *Ayahuasca*, são “transmitidos” pelas plantas ou pelas substâncias que tais vegetais carregam, e não por seres humanos como ocorre na educação tradicional que separa razão/emoção e experiência/abstração. A ingestão da *Ayahuasca* promove uma ecologia entre os saberes, os seres e o ser humano e o ambiente.

Referências

- ALBUQUERQUE, M. B. B. *ABC do Santo Daime*. Belém: EDUEPA, 2007.
- _____. Religião e educação: os saberes da ayahuasca no santo daime. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano IV, n. 10, mai. 2011.
- FIGUEIREDO, Luiz Cláudio. *Psicologia, uma nova introdução*. 2ª ed. São Paulo: EDUC, 2003.
- FREIRE, P. *A Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- GIBSON, J. J. *The Senses Considered as Perceptual Systems*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1966.
- _____. *Ecological Approach to Visual Perception*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1979.
- GONZALEZ, M. E. Q.; MORONI, J. Visões de mundo: uma reflexão a partir da perspectiva da Filosofia Ecológica. In: SIMONETTI, M. C. L. (Org.). *A (in)sustentabilidade do desenvolvimento: meio ambiente, agronegócio e movimentos sociais*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 25-37.
- INGOLD, T. From the transmission of representations to the education of attention. In: Whitehouse, Harvey. *The debate mind evolutionary psychology versus ethnography*. Oxford: Berg, 2001. p. 113-153.
- MERCANTE, M. S. The Objectivity of Spiritual Experiences: Spontaneous Mental Imagery and the Spiritual Space. *Revista Eletrônica Informação e Cognição*, v. 5, p. 78-98, 2006.
- RIBEIRO, F. J. R. *Da razão ao delírio: por uma abordagem interdisciplinar do conceito de loucura*. 2006. 131 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- SHANON, B. 2002. *The antipodes of the mind: charting the phenomenology of the ayahuasca experience*. Oxford: Oxford University Press.
- SILVA, R. C. da. Participação e aprendizagem na educação da criança indígena. *Revista Brasileira de Educação*, v. 19, nº 58, jul-set, p. 655-670. 2014.
- TADDEI, R. R. *Conhecimento, Discurso e Educação: contribuições para a Análise da Educação sem a Metafísica do Racionalismo*. 2000. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programação de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.